

Por enquanto, boas intenções

JORNAL DA FOLHA DE SÃO PAULO
21 JUN 1985 RUY FABIANA
Da Editoria de Política

Samuel

São dois meses de boas intenções. O avião da Nova República, a rigor, não decolou: esquentou turbinas, fez barulho, mandou os passageiros apertarem os cintos, mas não saiu da pista. O presidente José Sarney, em sua última entrevista coletiva, desculpou-se: "Estamos há pouco tempo no poder". É possível. Mas é certo que, nesse pouco tempo, já arranjou problemas demais para resolver nos próximos meses. Basicamente, reduziu de modo perigoso sua base parlamentar. E transformou os partidos em meros penduricalhos, legendas de aluguel para candidatos desempregados.

A proposta central do Governo Sarney — o pacto político — ainda não foi definida. Nem ele próprio soube explicar do que se trata. Seria uma preparação para a Constituinte, muito embora juristas eminentes — entre os quais o presidente da OAB, Hermann Baeta — considerem que a Constituinte se prepara na campanha eleitoral e que o pacto só faz sentido dentro dela. Não é só: quando tentou sair da teoria para a prática, o Governo foi ainda mais infeliz. Seus anteprojetos de reforma agrária e de lei de greve conseguiram a proeza de desagradar a todos.

Apesar disso, Sarney está longe de ter esgotado seus trunfos. Dispõe ainda de condições de recomeçar e, até mesmo, reaglutinar a combalida Aliança Democrática. Para tanto — e este é um consenso entre os mais experientes parlamentares —, é preciso apenas que perca o medo de errar. Recentes pesquisas de opinião pública revelaram que o Presidente desfruta, ainda,

de boa imagem perante a sociedade. Ao longo da enfermidade de Tancredo Neves, portou-se com impecável disciplina e demonstrou grande humildade ao assumir efetivamente a Presidência na morte do titular. A opinião pública gostou. E Sarney — habituado, nas duas últimas décadas, a defender governos impopulares — gostou mais ainda. Só que, ao que parece, tornou-se prisioneiro dessa imagem. O recente episódio do reajuste das prestações do BNH foi exemplar. Receoso de ferir sua popularidade, o Presidente adiou o quanto pôde a divulgação do reajuste. Com isso, criou expectativas que não podiam ser satisfeitas. Resultado: o tiro saiu pela culatra. O aumento veio mesmo com chumbo grosso e a frustração foi geral.

MINISTERIO

O desajuste maior, no entanto, fica por conta do Ministério. Formado a partir de critérios não revelados por Tancredo, o primeiro escalão entrou em campo com a mesma pose da seleção de Evaristo. E não logrou resultados diferentes: está devendo um gol à torcida. Sarney, obviamente, possui outro time no bolso do colete. São os seus "Italianos". Só que, por constrangimentos injustificáveis, não os aclona. É possível que receie pulverizar de vez a Aliança. Mas é bom notar que, mesmo mantendo o time de Tancredo, não conseguiu evitar o desgaste de sua base política.

Até aqui, ele sequer dirimiu conflitos básicos na sua equipe econômica. Os ministros João Sayad, do Planejamento, e Francisco Dornelles, da Fa-

zenda, trocam farpas publicamente. O Presidente diz que se trata de um hábito democrático. Não é. Uma equipe de Governo, ao que se sabe, deve atuar afinada, em torno de metas claras, sob o comando incontestável do Presidente da República. Divergências, se houver, devem ser tratadas internamente e dirimidas pelo Chefe do Governo. Trazê-las a público revela confusão, desentrosamento, insegurança — especialmente num País economicamente arrasado.

Politicamente, o quadro não é melhor. A Aliança Democrática reuniu multidões nas ruas com um discurso avançado, produzido pelas facções mais progressistas do PMDB. Essas facções, porém, começam a debandar. E a achar a Nova República muito parecida com a Velha. E aí comete-se uma injustiça. Se há semelhanças, elas, pelo menos, não foram ainda detectadas pelo general Newton Cruz. Sarney, de fato — justiça se faça —, não está blefando. Procura as mudanças, até porque sem elas não sobreviverá. A profundidade delas pode ser questionada. Mas é inegável que o País, com todas as dificuldades e os tropeços mencionados, já respira em outro ambiente, bem mais oxigenado. Estão aí, legalizados, os partidos comunistas (PCB e PC do B), as eleições diretas para presidente e para as prefeituras das capitais, o fim da sublegenda e do voto vinculado e o voto do analfabeto. Não resolvem o problema da dívida externa, nem aumentam as reservas cambiais. Mas, sem dúvida, geram atmosfera bem mais sadia para a discussão desses problemas. E o mérito, aí, é de Sarney.